

3. A Rússia e o Ocidente: aproximação e distanciamento

Este capítulo analisa a relação entre a Rússia e o Ocidente¹ em termos de historicidade, desde a sucessão da URSS pela Rússia até o presente. A interação entre esses atores é, aparentemente, ambígua, como será observado nas seções que se seguem, ora a relação é de aproximação, ora de afastamento.

A primeira seção deste capítulo apresenta a história da Rússia czarista, com atenção para os dois maiores expoentes governantes da Rússia Imperial que tentaram aproximar a nação do Ocidente. No primeiro momento analisa-se a história sob o prisma dos feitos de Pedro o Grande em tentar fazer da Rússia uma grande potência nos moldes europeus de modernidade. Mais tarde é analisado o reinado de Catarina a Grande que, de certa forma, dá continuidade aos feitos de Pedro o Grande, e aprofunda as mudanças dentro da Rússia que esta se pareça cada vez mais com uma potência europeia. A partir do legado histórico desses dois governantes se coloca em questão quais seriam as implicações de Catarina e Pedro para as futuras gerações de governantes russos em tornar a Rússia uma grande potência. De acordo com Tsygankov:

Other Statists trace their roots to Peter the Great. Unlike Westernizers emphasizing Peter's Europeaness, Statists relate to Peter's military competitiveness. It was state security and military competitiveness, they argue, that brought about the czar's notion of getting closer to Europe (2013, p. 6).

A segunda parte do capítulo ressalta aspectos analiticamente importantes da história da Rússia desde 1991. Ressaltando que a década de 1990 fora marcada, nessa relação, tanto por contenciosos, quanto por momentos de aproximação entre as duas partes. Pretende-se nesta seção demonstrar a partir de dados empíricos

¹ O Ocidente aqui nesta pesquisa será, de alguma forma, definido em termos da visão da Rússia acerca deste conceito. O Ocidente não será, apenas, uma divisão geográfica ainda que esta seja útil. Geograficamente, o Ocidente para fins desta pesquisa será compreendido enquanto os Estados Unidos da América, bem como todos os membros da OTAN. Contudo, este conceito também carece de esclarecimentos em termos de padrão civilizacional. Apesar de a Rússia, de certa forma, faça parte desta categoria, levando-se em consideração que adota princípios liberais econômicos e políticos, sua visão, aqui considerada soviética, leva a Federação a crer que esta não faz parte deste Ocidente moderno. De acordo com Tsygankov, o Ocidente aparece para a Rússia, desde Pedro o Grande como um sistema de significados que ao qual é imputado o papel de construir o que é a Rússia e o que ela quer. O Ocidente nem sempre possui o mesmo significado, ao passo que a Rússia muda, diferentes Ocidentes são construídos a fim de suprir o papel que a Rússia precisa que este signifique, dependerá do contexto em que se insere.

esses momentos de interação e afastamento entre a Rússia de Boris Yeltsin e o Ocidente, quais foram os eventos mais marcantes que geraram esse tipo de comportamento russo. A partir da apresentação empírica desta fase da relação entre Rússia e Ocidente aplicar-se-á as ferramentas teóricas apresentadas na pesquisa a fim de que se tenha uma ideia melhor acerca da mudança de identidades e de interesses da Federação.

A terceira seção continua com o foco na narrativa histórica, mas nesse momento sublinhando que se tratará de um período um tanto diferenciado na relação entre Rússia e Ocidente. A parceria entre os atores envolvidos permanece em alguns âmbitos, mas a aproximação apreciada durante os dois mandatos de presidente de Boris Yeltsin, é substituída, em larga medida, por uma relação marcada por rachaduras mais profundas no relacionamento. Esta servirá, em maior medida, para analisar o relacionamento presente entre a Rússia e o Ocidente no presente.

3.1 Em Direção ao Ocidente

Costumeiramente, ao se tratar da relação entre Rússia e Ocidente, especialmente nos seus momentos de proximidade, logo se pensa em Yeltsin, ou mesmo em Gorbachev. Entretanto, essa aproximação entre essas partes tem início já no século XVII, com o conhecido Pedro o Grande e mais tarde com Catarina a Grande. Dessa forma, trazer um pouco do legado desses dois governantes russos para a pesquisa é de grande valia, tendo em vista que foram formuladores, possivelmente, das primeiras políticas russas ocidentalizadas. Possivelmente, Pedro e Catarina foram os primeiros governantes russos a tentarem fazer da Rússia uma grande potência europeia, não apenas nos moldes europeus civilizacionais, mas é possível que ambos tentaram fazer com que a Rússia, de fato, fosse aceita como parte da Europa Ocidental, já que de longa data há uma certa indefinição do que é a Rússia.

Sendo assim, o legado de Catarina e de Pedro são importantes para tentar compreender certos resultados na conformação identitária russa contemporânea, tendo em vista que alguns de seus feitos podem ser percebidos ainda hoje na política russa com o seu ecoar. Aqui não se crê que todos os aspectos dos legados

de Pedro e Catarina sejam reinstaurados nas políticas de governantes subsequentes russos, mas se mostra nítido que governantes posteriores, especialmente após a queda da União Soviética, que alguns deles tentam implementar a aproximação com o Ocidente e/ou as políticas de fazer da Rússia uma grande potência, mesmo que apartada do Ocidente.

3.1.1 O Legado de Pedro o Grande

Após alguns distúrbios internos, como a dominação pelos mongóis, o Império Russo passa a ter mais contato com o Ocidente a partir dos primeiros Romanov. Entretanto, é apenas com Pedro o Grande que o rumo da Rússia passa a ter um direcionamento diferenciado. Pedro, cujo reinado durou de 1682 a 1725, considerava a Rússia demasiadamente atrasada com relação ao Ocidente. O então imperador queria apenas aprender as técnicas ocidentais, em termos tecnológicos e trazê-los para a Rússia (SEGRILLO, 2012, p. 129)

Longe de ser um admirador servil do Ocidente, Pedro tinha por objetivo aprender com o Ocidente a fim de superá-lo, e por isso ele fora o responsável pela ocidentalização forçada da Rússia da época. Para este fim, Pedro, ainda no século XVII realizara uma viagem à Europa Ocidental a fim de realizar contatos e ainda para aprender, para isso chegou a trabalhar na Holanda, sob disfarce, e levou para a Rússia cerca de 750 técnicos, especialmente holandeses (SEGRILLO, 2012, p. 131). Aqui é interessante notar as similaridades entre Pedro o Grande e Vladimir Putin. O mais importante talvez seja o fato de ambos terem como perspectiva política a superação da Rússia com relação ao Ocidente.

A priori, Pedro instituiu medidas ocidentalizadas na Rússia em diversos níveis. O imperador substituiu, no âmbito do governo a assembleia de nobres por um senado, passa a instaurar manufaturas e indústrias, recruta trabalhadores europeus, assim como envia trabalhadores russos à Europa para aprenderem novas técnicas, e esses são alguns dos exemplos das novas políticas adotadas por Pedro após sua viagem (SEGRILLO, 2012, p. 131).

O legado de Pedro é interessante no setor militar, tendo vencido batalhas com nações europeias. A vitória russa sobre a Suécia fora marcante nesse sentido. Controvérsias a parte, o reinado de Pedro gerou à Rússia a divisão de poderes, divisão de tarefas, uma burocracia um tanto quanto mais organizada e chefiada.

Além disso, a marinha russa se tornou uma grande potência, por conta das reformas de Pedro que fora construída a partir de nada, assim como a capital São Petersburgo, construída à época e substituta de Moscou (RIASANOVSK, 2005, p. 75).

As ambições de Pedro o fizeram implementar as suas ocidentalizações em diversas frentes. O governante não apenas construiu uma nova capital em moldes europeus e implementou reformas dentro do governo para que seu reinado se diferenciasse do período anterior e reformas econômicas, como também instaurou políticas culturais de intercâmbio, a fim de que russos fossem estudar e aprimorar seus conhecimentos na Europa Ocidental, assim como atraía estrangeiros para a Rússia. (RIASANOVSK, 2005, p. 80).

Pedro o Grande teve ambições de superar a Europa Ocidental, e fazer da Rússia uma grande potência europeia, e em grande medida logrou em seus planos. Após seu reinado a Rússia havia atingido em diversos níveis o “progresso” almejado por seu governante, sua indústria ainda era infante, sua economia também ainda engatinhava, mas em termos educacionais, culturais e militares os avanços eram notáveis, tendo em vista que a Rússia havia passado longos anos nas “trevas” com os antecessores de Pedro. Apesar de seus grandiosos feitos, como o de ter feito a Rússia ser reconhecida pela Europa Ocidental como uma grande potência, de ter colocado a Rússia no tabuleiro dos grandes tomadores de decisões da Europa, alguns dos problemas da Rússia não foram superados nesse período, ao contrário, foram agravados, como é o caso da servidão dentro do campesinato (KORT, 2008, p. 57).

Pedro o Grande fora o primeiro governante russo a, de fato, tentar ocidentalizar a Rússia, a abrir as portas para a modernidade da Europa Ocidental. Entretanto, a Europa Ocidental, naquela época, se encontrava em um patamar diferente de “progresso”, permitido pelo desenvolvimento de sua própria história, e ao contrário da Europa Ocidental como um todo, o então governante da Rússia decidira não esperar pelo desenvolvimento histórico que poderia levar ou não à Rússia a atingir o patamar europeu de progresso. Dessa forma, Pedro, como quase todas as grandes mudanças na Rússia, opta por fazer uma reforma em sua nação de cima para baixo (KAEMPF, 2010, p. 329).

Um dos problemas atrelados a esse tipo de reforma é a resistência que ela pode vir a criar, especialmente dentro dos meios de algumas das camadas sociais,

como fora o caso do campesinato russo do século XVIII. As reformas de Pedro não afetaram positivamente o campesinato, que cada vez mais tinha que carregar o fardo pesado dos altos impostos colocados sob seus ombros por seu governo. Além disso, o campesinato não fazia parte das rodas culturais das elites russas, o que fazia com que essa parte da população estivesse cada vez mais apartada do resto da população russa (KAEMPF, 2010, p. 330).

Sendo assim, para Kaempff, esse parece um momento cultural de grande relevância para a construção da identidade russa. Esse autor defende que, partindo de tantos momentos de destruição e criação, a Rússia, internamente, passa a desenvolver a oposição binária como fonte de sua construção identitária. A Rússia, desde a sua infância, tende a desconstruir e banir o passado para construir um momento totalmente novo, o que acaba por gerar dicotomias internas e pares que se opõem violentamente que transbordam em determinados momentos para sua política externa. No momento em Pedro o Grande renega o passado russo a fim de construir novas bases para um futuro moderno e ocidentalizado ele acaba por criar uma resistência interna eslavófila e eurasianista em contrapartida (KAEMPF, 2010, p. 321).

The gap between Russia and the West that resulted from the Mongolian Yoke has not allowed Russia a gradual evolutionary process of development. It continuously attempted what Carr identified as a violent 'passage from infancy to adulthood' by bypassing the period of adolescence. This phenomenon has left in simultaneous existence a Westernising part of society together with another that saw itself as indigenously Russian, i.e. anti-Western. It explains how every new phase of socio-cultural reform remained unfinished: attempts at Westernisation in Russia have tended to provoke a reactionary cultural resurgence, with the latter eventually holding the upper hand over the former (KAEMPF, 2010, P. 321).

3.1.2 Catarina a Grande

Catarina a Grande, ou Catarina II, reinara na Rússia de 1762 a 1796. Assim como Pedro o Grande, esta monarca também chama a atenção por seu legado associado sempre às tentativas de ocidentalização de seu império. Catarina era uma déspota associada à visão iluminista já a florada no resto da Europa Ocidental, e suas ideias enquanto déspota estavam ligadas à modernização da Rússia a partir do iluminismo, sua associação com a ideia de superação por meio do uso da razão era patente. Contudo, cabe lembrar que, sendo Catarina uma

princesa nascida na Alemanha, sua visão política de fazer da Rússia uma potência europeia pode ter sido distorcida por sua ascendência (SEGRILLO, 2012, p. 138).

Enquanto uma grande estudiosa do iluminismo, a rainha se correspondia frequentemente com figuras como Voltaire e Montesquieu. Esse tipo de informação acerca de Catarina são importantes a medida em que influenciaram grandiosamente a forma como a mesma iria governar a Rússia. A sua primordial ideia com relação à Rússia era a de trazer progresso ao seu império, tirá-lo das sombras, e por isso por muitas vezes é comparada à Pedro o Grande (KORT, 2008, p. 64).

Além de informar sua atuação como governante, o iluminismo trouxe outras questões para a Rússia, e uma de suas importantes contribuições fora, a partir de Catarina, a criação, mesmo que rudimentar na época, da *intelligentsia*. Esse estrato social viria a ser de grande relevância para a Rússia, pois sociologicamente esse termo na Rússia está ligado a ideia de quem pensa, de quem tem como profissão o pensar. O impacto que as ideias de Catarina tiveram sobre a sociedade russa foram além das fronteiras do palácio, a insatisfação pessoal da rainha com o baixo nível cultural da sociedade e de uma forma geral, acabou por culminar na criação de universidades na Rússia. Catarina criou um novo estrato social mais culto e pensante que mais tarde viriam a ser os responsáveis por grandes mudanças na Rússia (SEGRILLO, 2012, p. 139).

Para ilustrar as incessantes tentativas de Catarina de fazer da Rússia uma potência europeia é interessante notar que a nobreza passa a ler filósofos franceses, as artes na Rússia passam a ser estimuladas a partir de modelos artísticos da Europa Ocidental. São Petersburgo, apesar de ter sido idealizada e construída por Pedro o Grande passa a ser a cidade de Catarina que dá vida à Capital, construindo museus e trazendo obras e peças teatrais europeias. Até mesmo a língua passa a ser reconceitualizada desde Pedro, pois o russo deveria ser menos eslavo e mais europeu. (RIASANOVSKY, 2005, p. 95).

Os feitos de Catarina não se subsumiram apenas às questões das ideias, a rainha, apesar de admirar Pedro o Grande, especula-se que a mesma tinha ambições maiores de superá-lo. Dessa forma, ainda nos anos de 1770, Catarina tenta incluir a Rússia no jogo das grandes nações Europeias, ela buscava que a Rússia fosse percebida como uma parceira do mesmo nível, e esse prestígio seria buscado no âmbito militar. Nesse sentido, em fins do século XVIII, Catarina

inicia empreitadas militares que poderiam vir a satisfazer seu desejo de tonar a Rússia parte da Europa (KORT, 2008, p. 65).

No âmbito militar, talvez mais que Pedro o Grande, Catarina tivera sucesso em suas empreitadas. Durante o século XVIII, Catarina teve facilitada uma de suas empreitadas, O Império Turco Otomano declarou guerra à Rússia, no entanto, o exército o Império não seria fácil de ser derrotado. Entretanto, após uma difícil batalha, Catarina venceu os turcos. Com isso, a monarca conseguiu com o acordo de Kuchuk Kainardji de 1774 um vasto território ao norte do Mar Negro, hoje a Ucrânia e a independência da Criméia que mais tarde seria anexada. Além disso, enquanto a batalha ainda se encontrava em andamento, a Rússia juntamente com a Áustria e a Prússia realizaram em conjunção a primeira partilha da Polônia. A fatia da Rússia neste acordo é o que compreende hoje a Bielorrússia (KORT, 2008, p. 65).

These two gains, coming only two years apart from each other, constituted a significant step in reversing painful losses Russia had suffered centuries earlier but had never forgotten. They also constituted a major advance in Russian power and prestige in Europe and a highly satisfying triumph for Catherine. And there was more to come: Two subsequent partitions (1793 and 1795) extended Russia's borders west of Warsaw as they wiped Poland from the map, while a second war with Turkey between 1787 and 1791 confirmed Russia's earlier gains and added still more territories along the Black Sea coast. When everything was completed, in addition to Lithuania and other Baltic coast territories, Russia had won control of all of what today is Belarus and Ukraine, thereby reuniting all Russians, Belarusians, and Ukrainians under a single rule—a state of affairs destined to last for almost two centuries (KORT, 2008, p. 65).

O fato de Catarina ter ampliado o território russo fez com que a Rússia também absorvesse outros povos, o que acabou não sendo do agrado de todos, e por isso em seu governo há o começo de um extermínio do “outro”, um processo conhecido como russificação. Entretanto, a questão territorial acabou sendo de suma importância para a Rússia até o presente. Não é à toa que a Rússia contemporânea tem problema em aceitar, de certa forma, que alguns dos seus antigos territórios não sejam mais, sequer, mais parte de sua esfera de influência e são cooptados por organizações ocidentais como a OTAN e a União Europeia. Além disso, seu processo de modernização ocidentalizada acabou, como no período de Pedro o Grande, gerando insatisfação em meio as classes mais baixas

que não eram incluídas nesse processo, e na verdade, acabavam sendo relegadas às margens da sociedade russa. A insatisfação era patente, ao passo que a servidão, durante o governo de Catarina, e a Rússia aumenta o fardo fiscal sobre o campesinato que sofria, por exemplo, até mesmo com falta de moradia (KORT, 2008, p. 67).

Mais uma vez, a visão de Kaempf aqui é interessante para se analisar a formação da identidade russa. Nos dois períodos descritos anteriormente, de Pedro o Grande e de Catarina a Grande, seus ímpetus modernizadores ocidentalizados culminaram em um duplo movimento de negação do “outro”, tanto o “outro” estrangeiro advindo de territórios anexados, quanto uma repulsa do “outro” que seria advindo da modernidade ocidental que suplantava as tradições russas.

3.2 A Era Yeltsin

No ano de 1991 foram realizadas as primeiras eleições democráticas para o cargo recém criado de presidente da Federação Russa. Em 12 de junho daquele ano Boris Yeltsin fora eleito e ganharia grande prestígio com esse feito (SEGRILLO, 2000, p., 52). Desde a sua eleição, o cenário herdado da URSS que a Rússia dispunha acenava que Yeltsin não teria um mandato de fácil condução diante de tantas dificuldades em tantos setores do novo Estado. A situação econômica do país beirava o caos, e a situação social e política não estavam em situação muito diferente (SEGRILLO, 2000, p. 53) muito menos a relação com a multiplicidade de nacionalidades e etnias que acabavam por gerar conflitos (SEGRILLO, 2000, p. 59 et seq.).

O novo cenário era complicado em diversos sentidos como já dito, mas tão logo Yeltsin dá início a uma série de medidas, algumas um tanto controversas, para a solução de tais situações complicadas. Em 8 de dezembro de 1991, Boris Yeltsin toma uma de suas primeiras medidas enquanto presidente da Rússia, ele e mais alguns líderes se encontram secretamente em uma floresta na Bielorrússia e dissolvem definitivamente a URSS. O que de certa forma fora bem visto pelo Ocidente (COLIN 2007, p. 44). Nesse sentido, a decisão unilateral de Yeltsin de pôr um ponto final na União Soviética levaria mais tarde a um acordo, em 21 de dezembro de 1991 que criaria a Comunidade dos Estados Independentes, bem como levaria à renúncia de Mikhail Gorbachev, do cargo de presidente da URSS,

em 25 de dezembro do mesmo ano, e, portanto, de fato, ao fim de um Estado e de uma era (SEGRILLO, 2000, p. 71).

Em seu primeiro mandato, aparentemente, o foco de Yeltsin e de sua equipe política era restaurar a economia do país que, visivelmente se encontrava em uma situação lastimável como comprovam os números. Em 1991 o crescimento econômico russo fora de -9%, em 1992 fora de -19%, a crise econômica era grave (SEGRILLO, 2000, p. 145).

Uma das possíveis explicações para a mudança dos interesses nacionais do governo russo nesse período fora a “vitória” do pensamento ocidentalista dentre as escolas de pensamento político da Federação. O desmantelamento da União Soviética unida ao *New Thinking* de Gorbachev, o caminhar em direção ao Ocidente aparecia enquanto uma das únicas possibilidades para a política da Federação. Dessa forma cabe esclarecer o que essa corrente de pensamento doméstico preconiza, assim como salientar os grandes nomes dessa corrente que eram Andrei Kosyrev e Yegor Gaidar, ambos muito relevantes no governo de Yeltsin (TSYGANKOV, 2013). Ao passo que o Ocidente não mais representava uma ameaça para a Rússia, ocidentalistas como Kosyrev acreditavam que o Ocidente, então, seria um parceiro natural para o país. Sendo assim, o ocidentalismo dentro da Federação Russa toma formas da seguinte maneira: mudança de retórica com relação ao Ocidente, sobre a OTAN, mudança de postura com relação aos ex-membros da URSS, alinhamento ideológico com o Ocidente, e assim, promovendo ações como a liberalização econômico, e democratização política (TSYGANKOV, 1997, p. 250).

3.2.1 O Período de Aproximação

Com o propósito de compreender os fatos históricos que contribuem para a atuação da Rússia contemporânea, aqui se propõe a investigação da relação entre Rússia e Ocidente desde a presidência de Boris Yeltsin. Dessa forma, o subcapítulo será organizado temporalmente.

1991: primeiros passos de aproximação em direção à OTAN

Rússia e Ocidente passam a cooperar em termos de segurança, a fim de se livrarem do passado de confrontação e, por isso, passa a haver iniciativas no

sentido de trazer a Rússia para perto da OTAN. Antigos inimigos, Rússia e OTAN dão a partida em um processo de cooperação e de aproximação já em 1991 com a conformação do *North Atlantic Cooperation Council* (NACC) em 20 de dezembro daquele mesmo ano. O objetivo de tal projeto era o de manter contatos próximos, o diálogo entre os países membros da OTAN e os antigos membros do então extinto Pacto de Varsóvia, assim como promover a cooperação e extinguir de vez qualquer resquício de desconfiança entre as partes.

A relação parecia estar se aprimorando cada vez mais, tanto que em 1991 a administração de Boris Yeltsin cogitava se juntar à OTAN, essa ideia não parecia distante dos seus planos (THORUN, 2009, p. 53). Ou seja, nesse momento de aproximação entre essas partes é interessante colocar em voga a questão da construção identitária. Esse momento, especificamente, denota que, não necessariamente, o “eu” e o “outro” sempre estarão se constituindo mutuamente com base em dicotomias, a relação de significados nem sempre terá uma carga negativa de denegrir o “outro” a fim de que se construa um “eu” não-anárquico, um “eu” político. Por isso, aqui, é interessante notar que a Rússia estava em processo de construir o “outro” ocidental baseado em uma relação de aliados, ao se identificar como Ocidente (KUBÁLKOVÁ, 2001, p. 227 et. seq.).

Ainda na década de 1990 têm início os problemas na Bósnia. Quando a Iugoslávia começou a se desintegrar e em 1991 e a Rússia apoia o Ocidente em suas decisões.

1992: a economia em voga

Logo no início de 1992 a administração de Yeltsin sinalizaria estar mais próxima do clube de nações ocidentais liberais e democráticas, e assim já em 2 de janeiro de 1992 anunciaria que os preços em todo o país deixariam de ser controlados de governo e passariam a flutuar seguindo o fluxo do mercado. Nesse ano ele inaugura o programa chamado “Terapia de Choque”, idealizado por seu ministro das finanças Yegor Gaidar. Um dos momentos simbólicos para explicar a nova política de Yeltsin, tendo em vista que a Rússia visava uma maior aproximação com o Ocidente, ocorrera em 1992 quando o Tesouro norte-americano concedeu ajuda financeira para a Rússia.

Além disso, o FMI juntamente com o ainda G7 anunciavam naquele período a liberação de uma verba de US\$24 bilhões (SEGRILLO, 2000 p. 74), além de mais US\$6 bilhões para a estabilização do rublo (G7 Summit Munich, 1992). Para aumentar as perspectivas de que Rússia e Ocidente estavam no rumo certo de um caminhar convergente, em termos de liberalismo econômico e aproximação de objetivos em termos de política externa, é interessante demonstrar que a Rússia estava sendo, de certa forma, aceita nos fóruns internacionais, como ocorreu ainda em janeiro de 1992 quando passara a fazer parte do FMI, devido às suas mudanças no âmbito doméstico em termos de democratização, liberalização dos preços, privatizações em massa, reformas econômicas liberalizantes de um modo geral (SEGRILLO, 2000, p. 75). Esse momento de euforia nas relações entre Rússia e Ocidente se iniciam e são preconizadas na área econômica. Que, possivelmente, se constituía como o setor mais complicado e danificado da nova Rússia, que mais tarde servirá, talvez como ponto de apoio para cooperação em outras áreas. A questão principal naquele momento, aparentemente, era a de criar áreas de contato entre a Rússia e o Ocidente.

Dessa forma, o que aparentava era que o Ocidente estava “festejando” o fim da União Soviética e mais ainda, estava recompensando a Rússia por suas reformas democratizantes e economicamente liberais. O período fora marcado por um grande espectro de cooperação e de colaboração do Ocidente para com a Rússia, agências ocidentais como o *United States Agency for International Development* (USAID) e o Banco Mundial também estavam presentes nas transformações russas a fim de garantir que suas reformas funcionariam e seriam sustentáveis no longo prazo (LIGHT, 2005, p. 136). O ano de 1992 ainda fora marcado pela entrada da Rússia para o FMI e para o Banco Mundial (TSYGANKOV, 2013, p. 72-73).

1992: cooperação em áreas de conflito

Em 1992, a dissolução da Iugoslávia já havia entrado em processo há algum tempo, mas é nesse ano que a Bósnia, por meio de um referendo se declara independente. Neste mesmo ano a comunidade internacional, com algumas exceções, decidiram reconhecer o governo bósnio como legítimo. Nesse momento, os bósnios sérvio que eram maioria no território decidem dividi-lo à força, e o conflito começa a se complicar. A situação se torna ainda mais

disfuncional a partir do momento em que a aliança entre bósnios croatas e bósnios muçulmanos contra os bósnios sérvios é rompida a fim de que os bósnios croatas lançassem sua própria frente de resistência (THORUN, 2009, p., 86 et seq.). Sem hesitações a Rússia coopera com o Ocidente, em 1992 o governo de Yeltsin endossa uma resolução das Nações Unidas para realizar sanções contra a Iugoslávia, apoia a extensão da missão UNPROFOR, concorda que a OTAN policie a zona de exclusão aérea e apoia o plano de paz Vance Owen. De acordo com Thorun:

From 1992 to 1993/94, the Russian leadership's reaction to the conflict was characterized by almost unqualified cooperation with the West. Examples of this close cooperation in 1992 were the Russian leadership's support for UN Security Council Resolution 757 of May 1992, which imposed economic sanctions and tightened the arms embargo against the FRY; Moscow's approval of the extension of the United Nations Protection Force (UNPROFOR) to Bosnia in September 1992 to deliver humanitarian aid; and its backing of a no-fly zone for all military aircraft over Bosnia in October 1992. Furthermore, Russia's leadership even agreed that NATO should police the no-fly zone as long as both the UN and NATO sanctioned the actual use of military force under the so-called dual-key command procedure. Such a Russian approach was not self-evident, since Moscow's strategy towards the other Balkan crises before 1992 was characterized by a reluctance to intervene and take sides (2009, p. 87)

Apesar de a Rússia não ter ficado satisfeita com a ampla receptividade à independência da Bósnia, naquele momento a Rússia não vetou as ações ocidentais. Tal posição russa pode ser explicada pelo fato de que a Federação naquele momento almejava ser a “boa vizinha”, e assim a cooperação com o Ocidente poderia lhe render bons frutos (SAKWA, 1999, p. 452).

1994: mais da cooperação com a OTAN

Mais adiante, ainda na década de 1990, a OTAN lança o programa *Partnership for Peace* (PfP), que tinha como objetivo principal a promoção do diálogo e cooperação, bilateralmente, entre os países euro-atlânticos e a OTAN. De forma que todos os estados que fizessem parte do PfP fizessem parte de uma “comunidade de interesses” a ponto de que essa iniciativa reduzisse a instabilidade e as ameaças comuns a todos os participantes. No total foram 34 os

signatários do PFP, e a Rússia se tornou signatária do programa em 22 de julho de 1994.

Após o fim da Guerra Fria e do desmantelamento da União Soviética a liderança que passa a governar a Rússia possui uma visão ocidentalista da política nacional e internacional. Para estes líderes, a mudança na identidade e nos interesses nacionais russos deveriam convergir com o Ocidente, pois para estes de visão ocidentalista, o caminho certo para a Federação seguir era tentar ser ocidental. Segundo Tsygankov:

Loyal to the intellectual tradition of Westernism, the new Russia's leadership saw their country as an organic part of the Western civilization whose "genuine" Western identity had been hijacked by Bolsheviks as the Soviet System. In the Westernist perspective, during the Cold War Russia had acted against its own national identity and interests, and now it finally had an opportunity to become a "normal" Western Country (2013, p. 59).

Todavia, apesar da aproximação com o Ocidente e com a implementação de reformas rápidas na nova Rússia, mesmo com o auxílio de agências internacionais fomentadoras do desenvolvimento, a Federação ainda passava por graves dificuldades econômicas. Para se ter uma ideia dos problemas econômicos enfrentados pela Rússia basta olhar os números da taxa de inflação do país. Em 1990 a inflação era de 5,6%, após o início do programa "Terapia de Choque" a inflação chega a 1734%² e nos anos subsequentes, apesar desses números caírem, ainda assim não se configuram como boas notícias.

1997: cooperação com a OTAN

Em 1997, após um breve período de discordância entre Rússia e Ocidente, as partes tentam colocar o diálogo em perspectiva. Sendo assim, em 1997, Rússia e OTAN assinam o NATO-Russia Founding Act. Este ato deveria prover às partes envolvidas maior diálogo e cooperação política e na área de segurança.

² International Monetary Fund: Inflation rate. Disponível em: <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php>. Acessado em: 25/01/2013.

3.2.2 O Afastamento

As reformas liberalizantes implementadas pelo governo russo, pareceram não surtir o efeito desejado, a população continuava a empobrecer, e a situação âmbito social se deteriorava (SEGRILLO, 2000, p. 74). Dessa forma, o fator econômico fora bastante persuasivo no âmbito popular para que os russos entendessem que a estratégia do governo russo de se aproximar do Ocidente, especialmente, via posições econômicas similares, via modernização ocidentalizada não estava funcionando para a Federação.

1994: a questão da Chechênia

A Federação Russa, em 1994, entrara em guerra com a província da Chechênia. Os problemas entre a Rússia e a Chechênia se iniciam bem antes, no século XIX, e se perpetua ao longo dos anos até chegar à guerra de 1994. A questão piora assim que a União Soviética desmantela, e 15 das suas repúblicas clamam por autonomia, e algumas delas acabam ganhando, em alguma mediada, autonomia ou soberania compartilhada, mas isso não ocorre com a Chechênia. A administração de Yeltsin perde a paciência com os chechenos que cada vez mais criavam grupos opositores ao seu regime e por isso em 12 de dezembro de 1994 decidem-se por realizar uma incursão militar à Chechênia com fins de restauração da ordem, o que deveria ter sido uma investida rápida e sem maiores complicações (STONE, 2006, p. 244).

O que devia ter sido uma rápida e eficiente operação se tornou em uma guerra de guerrilha com milhares de mortes de ambos os lados, e então a Rússia se via no lado que estava perdendo a guerra. Dessa forma, a Rússia lança ofensivas maciças contra os chechenos, e a guerra se arrasta até 1996, sem que houvesse previsão de negociações já que seu líder Dudaev havia sido morto (STONE, 2006, p. 245). O primeiro conflito duraria vinte e um meses, e durante esse período entre 45,000 e 100,000 pessoas morreram em decorrência da guerra (RUSSELL, 2007, p. 72). Uma das principais questões viria a ser a humilhação russa, bem como a desaprovação interna da população russa visto que era uma guerra televisionada, e a população acreditava que era uma guerra contra seus nacionais, e não contra um “outro”. Em tempos de eleições em 1996, Yeltsin teve que apelar para o

sentimento nacionalista para derrotar seus pares (RUSSELL, 2007, p. 73). De qualquer forma, Yeltsin contornou a situação, mas não a humilhação a que suas forças armadas foram submetidas. O Ocidente não apoiou Yeltsin em sua empreitada entre 1994-1996, e o descreditou pelas violações de direitos humanos, mas, aparentemente, não fora dada muita atenção à primeira guerra na Chechênia (RUSSELL, 2007, p. 75).

1994: a questão da Bósnia

Ainda em 1995/1994 a “lua-de-mel” entre Rússia e Ocidente também se danificaria em decorrência da crise da Bósnia. Durante a crise na Bósnia, apesar de a Rússia ter cooperado com o Ocidente em diversos momentos a fim de que se chegassem a algum acordo acerca da situação, é nítida a mudança de postura da Rússia nesse momento, que tenta em alguns episódios impor suas vontades que são contrárias às provisões ocidentais. A partir de 1994/1995 a Rússia começa a tomar medidas um tanto diferenciadas do período anterior de cooperação total para com o Ocidente, não chega a tomar medidas anti-Ocidente, mas inicia um processo de tentar tomar as rédeas da situação como as outras grandes nações (THORUN, 2009, p. 93).

Alguns momentos já em 1994 podem ilustrar essa mudança de posição na administração russa da época. Nesse período a Rússia demanda que a comunidade internacional amenize as sanções contra os sérvios, bem como se coloca radicalmente contra o ultimato dado pela OTAN para que Sarajevo largasse as armas (THORUN, 2009, p. 90). A Rússia se encontrava em uma situação de exclusão do processo decisório da situação e por isso não conseguiria reverter a situação do ultimato dado em 1994, e passa a tentar contornar a situação em negociações bilaterais com os sérvios, e conseguiu ter sucesso (THORUN, 2009, p. 91).

1994: a questão da OTAN

Apesar de pouco tempo antes o então secretário de Estado norte-americano Warren Christopher ter prometido à Yeltsin que a expansão não se daria no curto prazo, pois aquele momento o foco era a cooperação não foi o que aconteceu. Em

1994, o então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton anuncia que a expansão da OTAN para o Leste Europeu era uma questão de tempo, mas ela aconteceria de qualquer forma (TSYGANKOV, 2013, p. XVI).

1995: a Bósnia

As relações entre a Rússia e o Ocidente nesse período foram de idas e vindas, mas atingiram um ponto nodal de discordância em agosto de 1995 quando, sem aviso prévio, ou consulta à Rússia, a OTAN decide realizar um ataque aéreo maciço e sem precedentes aos sérvios (THORUN, 2009, p. 92 et seq.). A Rússia se opõe com veemência ao ataque e, de alguma forma, é nesse momento que a Rússia passa a ansiar por ser levada em consideração nos processos decisórios de grande relevância para a política internacional.

A Rússia não mais toleraria ser negligenciada, e não mais admitiria estar de fora nas tomadas de decisões, em decorrência de seu prestígio e *status* de grande potência. Mas a Federação Russa não era mais considerada uma grande potência, talvez apenas uma potência normal. A Rússia se envolvia na questão dos sérvios, pois almejava estar dentre as potências ocidentais tomadoras de decisões, era uma tentativa de ganhar prestígio no cenário internacional, e não apenas de defender os sérvios, mas de se destacar, ou seria deixada em segundo plano, já que não era membro da OTAN (THORUN, 2009, p. 108).

1998: a questão do Kosovo

O momento seguinte de tensão entre Rússia e Ocidente estaria por vir entre 1998/1999 com a crise do Kosovo. Desde muito antes do da escalada do conflito, o Kosovo luta por sua independência, e no início da década de 1990, os kosovares tiveram seu status de autonomia revogado o que levou ao longo do tempo a uma escalada das tensões até que em 1998 a Albânia se revolta em larga escala. No mesmo ano os sérvios lançam uma contra-ofensiva e Milosevic passa a acirrar os ânimos dos envolvidos com discursos nacionalistas inflamados (MCGWIRE, 2000, p. 4). A escalada do conflito se tornou rapidamente uma questão internacional, e a comunidade internacional passa a se preocupar com a questão dos albaneses kosovares. Logo Milosevic passa a ser pressionado por um cessar-fogo, o que não se consolidou em um sucesso total (MCGWIRE, 2000, p. 6).

Em 1999, a comunidade internacional dá início às conversações de Rambouillet, no entanto, as conversas não incluíam a Rússia, pois o acordo seria decidido pelos países membros da OTAN. Os pontos de negociação de Rambouillet, em larga medida, não agradavam a Milosevic e nem aos representantes kosovares. Milosevic não concordava, especialmente, com a implementação da KFOR que teria tropas armadas da OTAN em seu território, e tentava negociar tropas desarmadas da Rússia e de outros países europeus, mas isso sequer fora negociado. Os acordos não funcionaram e em 13 de março o conflito fora retomado mesmo sob a ameaça da OTAN. Não atingindo um acordo, em 24 de março a OTAN dá início a um bombardeio (MCGWIRE, 2000, p. 7).

A reação russa fora dura, não tendo concordado ou feito parte da decisão de bombardear os sérvios. A Rússia então decide por interromper as relações com a OTAN no PfP e expulsou representantes da OTAN de seu território (THORUN, 2009, p. 99). O fato de a Rússia ter sido tão crítica com relação à atuação ocidental nos Bálcãs pode ter relação com as suas percepções sobre o Ocidente, especialmente, com relação aos Estados Unidos, que em sua visão estariam atuando de maneira unipolar e desestabilizando algumas regiões e estaria “invadindo” sua esfera de influência ao atuar nos Bálcãs sem consultas prévias. Portanto, a fim de manter seu status de grande potência na região Yeltsin se decidiu por se manter ao lado de Milosevic e manter seu prestígio nos Bálcãs (THORUN, 2009, p. 104).

1999: a questão da OTAN

Em 1999, os temores de Yeltsin com relação à expansão da OTAN se concretizaram. Este é o ano em que a Aliança aceita a República Tcheca, a Hungria e a Polônia como seus novos membros. Claramente, a Rússia não aceitava essa postura da OTAN de incluir países da antiga esfera de influência da já extinta URSS (TSYGANKOV, 2013, p. 110).

A relação entre Rússia e Ocidente nem sempre fora conturbada após o fim da Guerra Fria, mas como se pode observar os contenciosos marcaram mudanças no posicionamento russo na sua tentativa de (re) construção identitária. Mais um motivo de afastamento entre Rússia e Ocidente fora a questão da expansão da OTAN para o Leste Europeu.

Até 1994, a posição da Rússia acerca da presença da OTAN no Leste Europeu não era de confronto, o que mudou a partir do novo posicionamento da Aliança naquele ano de dar início a estudos de expansão e inclusão de membros da antiga esfera de influência soviética, do “near abroad”³, levando Yeltsin a declarar em um discurso à Assembleia Federal russa em 1994: “ideological confrontation has been replaced by a struggle for spheres of influence in geopolitics” (THORUN, 2009, p. 61). No entanto, o alinhamento ideológico ocorreu em algum momento da relação entre Rússia e Ocidente. Desde então a posição russa acerca da expansão da OTAN em direção às suas fronteiras tem sido considerada pelos russos como contraditória aos seus interesses. Ainda na década de 1990, para Yeltsin o alargamento da Aliança fazia com que parecesse que a Rússia e os Estados Unidos estavam revivendo os tempos da crise dos mísseis em Cuba. Moscou tentou se utilizar de diversos argumentos para tentar parar ou, pelo menos, desacelerar a expansão da OTAN até chegar ao fim das argumentações e partir para as ameaças militares (THORUN, 2009, p. 62).

Claramente, a Rússia passaria a perceber a OTAN como uma ameaça, e talvez, até mesmo, como um inimigo externo, tendo em vista que a Guerra Fria chegara a um fim, assim como a URSS e o Pacto de Varsóvia, por isso não haveria mais motivos para a existência da Aliança (THORUN, 2009, p. 66). De acordo com Primakov e Rosenthal:

Indeed, the leaders of the Central and East European countries declared their firm desire to join NATO. Indications are that a considerable part of their populations – indeed, the majority – supported that position. Public opinion polls and a referendum in Hungary confirm that impression. What was behind the desire to join NATO? Was it fear that the situation in Russia could pose a threat to their security? I don’t think that was a major reason or even a valid one. Besides, many leaders of those countries stated emphatically that their choice was not motivated by fear of Russian aggression (2004, p. 130).

De acordo com Art (1998, p. 399) a expansão da OTAN para incluir países como a Hungria e a República Tcheca em fins da década de 1990, poderia gerar consequências desastrosas para a relação entre a Rússia e o Ocidente. Afinal, apesar de a Rússia ter declarado intenção de se unir à Aliança, a recíproca não

³ De acordo com Hedenskog (HEDENSKOG, 2005, p. 2), o chamado “near abroad” é uma referência a uma área particular de interesses russos, que consistem, especialmente, de países que fizeram parte da União Soviética

fora verdadeira. A expansão indiscriminada da OTAN acaba por alienar a Rússia, pois os russos passam a não participar dos processos decisórios que cabem aos membros da OTAN. O alargamento pode se consubstanciar em hostilidade por parte da Rússia, e poderia, inclusive, levar a Rússia a deixar de se utilizar dos princípios acordados com a OTAN em 1997 no *Founding Act* que estabelecia cooperação e diálogo entre as partes, e o mais importante, a determinação de que a Rússia e a OTAN não mais seriam inimigas.

Entretanto, o acúmulo, por assim dizer, de conturbações, que questões práticas na relação da Rússia com o Ocidente culminaria em um agregado de questões que fazem a Rússia, mais uma vez reconstruir sua identidade e seus interesses nacionais. A sua identidade de cunho ocidentalista que levava a Federação a construir uma rede de significados em torno do Ocidente como sendo um aliado e não um inimigo não estava mais funcionando, tendo em vista que a Rússia, no fim das contas, normalmente, não era levada em consideração como um parceiro, um aliado que merecia atenção. Como diria Tsygankov:

As the proposed vision of radical reform and strategic partnership with the West was failing to bring any visible improvements in people's living standards, the population was becoming disillusioned and skeptical. At home, Russians experienced drastic decline in living standards. Externally, the prospects of NATO expansion toward Russia's borders and military conflicts in the Russian periphery created a sense of insecurity, undermining the Westernist foreign policy course. The disintegration of the Soviet Union added to the change in attitude; socialized in the tradition of the Soviet Statist thinking, many Russians felt that economic failure were now exacerbated by the significant loss of territory and world status. The grand strategy of integration with the West was increasingly perceived as a flawed one. According to one poll, public support for the U.S. model of society fell from 32 percent in 1990 to 13 percent in 1992, or by more than two-thirds (TSYGANKOV, 2013, p. 66).

Ao perceberem que o ocidentalismo a Rússia passa a alterar sua identidade nacional tomando medidas em acordância com o pensamento estatista, com ênfase para o fortalecimento nacional e em tornar a Rússia uma grande potência. Esse pensamento, dentro das lideranças do governo russo teve grande influência de Yevgeny Primakov, que fora, a partir de 1996, Ministro das Relações Exteriores da Rússia. Primakov fora o principal proponente do pensamento estatista dentro do governo russo, especialmente a partir de 1996, ao tornar-se ministro das relações

exteriores da Federação. As principais características desse pensamento tem como fio condutor central a perspectiva de que a Rússia é uma grande potência e que a aproximação com o Ocidente minam os principais interesses nacionais russos (TSYGANKOV, 2013, p. 64). A proposta do estatismo fora uma completa reestruturação da parceria da Rússia com o Ocidente, de um alinhamento ideológico, para um relacionamento pragmático, com críticas à expansão da OTAN para perto das fronteiras russas, e a perda da confiança no liberalismo econômica (TSYGANKOV, 2013, p. 66) O que pode ser conferido em Tsygankov:

In this context of growing security threats, the Statist insistence on viewing Russia as first and foremost a great power resonate with the elites and the broader public. Primakov and his supporters did not see the forces of international cooperation as shaping the nature of the world politics. They appealed to the historical notion of Russia as a *Derzhava*, which could be loosely translated as a holder of international equilibrium of power. A *Derzhava* is capable of defending itself by relying on its own individual strength, and its main goal should be the preservation of that status (2013, p. 97)

1999: a questão da Chechênia

Em fins da década de 1990 a Rússia viria a passar por mais um momento complicado. Em setembro de 1999 alguns apartamentos em Moscou foram bombardeados, e o ato fora atribuído a terroristas chechenos. Putin, que, apenas, desde agosto daquele ano era o primeiro ministro da Federação Russa passa a planejar um novo ataque à Chechênia (SERVICE, 2009, p. 545). Entretanto, a segunda guerra da Chechênia seria diferente da primeira, um dos grandes focos fora a presença de combatentes wahhabis lutando na resistência ao lado dos chechenos, e que, aparentemente, lutavam pela criação de um Estado independente muçulmano. Ademais, dessa vez o governo russo teria o apoio de sua população por conta do bombardeio aos apartamentos (EVANGELISTA, 2002, p. 64). A Chamada “Guerra do Putin”, fora tão sangrenta e violenta quanto o primeiro conflito, mas em 1999, além dos bombardeios aos apartamentos, logo em seguida ocorreram outros atos de “terroristas chechenos”, o que uniu a população (EVANGELISTA, 2002, p. 65 et seq.).

A diferença deste para o conflito de 1994 também tem suas bases no aprendizado com a experiência da primeira guerra, desta vez a Rússia não se

deixaria ser humilhada. Ainda em setembro de 1999, Putin dera um ultimato aos chechenos e antes de qualquer negociação começar a Rússia invadiu algumas vilas com seus tanques e realizara ataques aéreos maciços (EVANGELISTA, 2002, p. 69). A segunda diferença fora com relação à justificativa para tal guerra, a primeira guerra na Chechênia fora legítima por restauração da ordem, mas a segunda empreitada na região fora legitimada e subsumida pelo discurso vigente de luta contra o terrorismo, tendo em vista que os atentados à Moscou foram ligados ao terrorismo checheno e com participação da Al-Qaeda (TRENIN, 2003, p. 1). Ainda mais após os atentados terroristas às embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia em 1998 que também foram atribuídos a membros da mesma organização terrorista (Global Security, 1998). Putin acreditava que ligar a guerra na Chechênia à Al-Qaeda daria visibilidade à Rússia e traria credibilidade para a empreitada, ainda mais que desde 1998 Osama Bin Laden já estava na lista do FBI dos 10 mais procurados pelos atentados às embaixadas norte-americanas na África (FBI, 1998).

Vladimir Putin esperava que os Estados Unidos fossem apoiá-lo na guerra ao terrorismo checheno, o que acabou se tornando mais um contencioso entre Moscou e Washington, pois o governo norte-americano fora duro em suas críticas à Rússia (TRENIN, 2003, p. 1). Logo, o que poderia ter se tornado um momento propício para a cooperação no âmbito de segurança entre Rússia e Estados Unidos se tornou mais um cenário de divisão entre Leste e Oeste, tendo em vista a fragilidade do relacionamento e a reminiscência de questões ainda da Guerra Fria (TRENIN, 2003, p. 5).

De acordo com a visão ocidental acerca da segunda guerra na Chechênia, esta estava sendo criticada, especialmente, por sua desproporcionalidade. As lideranças ocidentais afirmavam que os horrores da guerra passavam dos limites do aceitável, e que a Rússia estaria matando, inclusive, civis inocentes, que não possuíam qualquer relação com o conflito. Entretanto, era bastante nítido que, na verdade, ninguém queria, ou talvez, nem mesmo pudessem, ingerir de qualquer forma no conflito. Além disso, naquele momento os Estados Unidos sob a administração de Clinton estavam bastante envolvidos com o Oriente Médio, na tentativa de mediar a situação entre palestinos e israelenses, logo não era interessante ficar ao lado da Rússia e desagradar aos islâmicos (SAKWA, 2005).

3.3 A Era Putin

Após a renúncia à presidência em dezembro de 1999, Yeltsin deixa o cargo livre para que Vladimir Putin, seu Primeiro Ministro, o ocupe, mesmo que interinamente, até que as eleições para a presidência da Federação fossem realizadas em março de 2000. Naquele ano Putin sequer realizou campanha eleitoral, e mesmo assim venceu as eleições com 53% dos votos, não deixando espaço para os demais candidatos e já demonstrando sua força perante a população russa (SERVICE, 2009, p. 547).

Logo após a sua posse, Putin já daria o tom do que seria o seu governo, ele estaria inclinado à restituir a ordem dentro da Federação Russa com a sua “ditadura da lei”, partindo à caça dos chamados oligarcas, que no governo anterior dispunham de grandes vantagens governamentais, e assim dando início à diferenciação do seu governo e de seu antecessor (SERVICE, 2009, p. 548 et seq.). Onde fica bastante nítida a sua preocupação com o fortalecimento do Estado russo é em seu discurso anual para a Assembleia Federal em 8 de julho de 2000 (Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation, 2000), no qual é frisado o importante papel da economia, do fortalecimento das bases das mesmas, reconhecendo o lento crescimento do PIB russo desde 1997, bem como reconhecendo os problemas sociais, taxaões fiscais e a demasiada liberdade das regiões como fonte de conflito inclusive com a constituição do país de 1993.

Dessa forma, Vladimir Putin⁴ começa a deixar claras as suas intenções enquanto governante da Rússia, começava a deixar claro que suas prioridades estavam no âmbito doméstico, colocar ordem, e assim centralizar cada vez mais o poder na figura do presidente (SERVICE, 2009, p. 549). Vladimir Putin com suas primeiras ações enquanto presidente da Rússia conseguia angariar a simpatia de grande parcela da população russa, pois ao mesmo tempo em que era um nacionalista, ex-agente da KGB, que proferia frases sobre o fim da URSS como: “the greatest geopolitical catastrophe of the twentieth century” (SERVICE, 2009, p. 548), ele também fizera parte da administração de Anatoli Sobchak, que fora

⁴ A vida anterior de Vladimir Putin é reveladora sobre sua percepção com relação ao rumo da Rússia. Putin estudou na Universidade Estatal de Leningrado, e logo trabalhou como agente da KGB na Alemanha Oriental de 1985 a 1990. Ao retornar trabalhou na prefeitura de São Petersburgo, um pouco depois de atuar como assistente na área de Relações Internacionais. Depois disso tornou-se Primeiro Ministro de Yeltsin e depois Presidente da Federação.

prefeito de São Petersburgo e que implementara reformas modernizantes na cidade. Além disso, sinalizara positivamente para uma possível modernização na economia russa, ao passo que estimularia a atração de capital estrangeiro para o país (SERVICE, 2009, p. 550), assim, ele conseguia a simpatia de nacionalistas e de “ocidentalistas” com suas propostas modernizantes para o país.

Cabe aqui salientar que, considera-se o pensamento de Vladimir Putin inovador, em certa medida. Na mesma medida em que Putin se aproveita de pensamentos nacionalistas assertivos para a política externa da Federação que podem ser identificados com o pensamento de Primakov, por exemplo, ele inclui novas formas de pensar a política externa do país. Putin logra em, de certa forma, incluir elementos da política externa anterior ao seu primeiro mandato, que visam a manutenção do status de grande potência da Federação e une a um pensamento de capitalização das relações. Ou seja, apesar de ser pragmático em sua política externa, ele consegue unir a isso um posicionamento em que haja, também, cooperação com outros Estados e maior participação em instituições internacionais a fim de que se tenha ganhos políticos e econômicos com isso. Dessa forma, considera-se aqui o hibridismo da condução da política externa inaugurada por Vladimir Putin uma de suas inovações, pois ele consegue unir uma tradição de pensamento nacionalista tradicional com uma parcela de cooperação.

3.3.1 A Aproximação de Putin

No âmbito da política externa, a aparência era de calma. Putin dava a ideia de que as relações da Rússia com o Ocidente seriam amistosas e que havia a intenção de se unir ao “clube das potências ocidentais”. Mesmo antes das eleições o então presidente e presidenciável dava sinais positivos para o Ocidente, como parece ficar claro em uma entrevista concedida e noticiada pelo periódico *Star News* no dia 6 de março de 2000, no qual Putin considera a possibilidade de a Rússia se unir à OTAN: “I don’t see why not. I wouldn’t rule out such a possibility. But I repeat, if and when Russia’s views are taken into account as an equal partner (Apud., *Star News*, 06 de março)”. Apesar do tom realista do discurso de Vladimir Putin, esse pensamento não vai de encontro à visão teórica preconizada na presente pesquisa. Tendo em vista que aborda-se aqui, teoricamente o estudo empírico de maneira construtivista, necessariamente, as

visões de cada Estado estarão imbricadas dentro do seu contexto de dinâmica com outros Estados. Dessa forma, o imaginário político e social no qual a Rússia se encontra engajada nesse momento constrói sua percepção sobre a política internacional de maneira realista.

Nesse sentido, a mudança de rumo na política de Putin é nítida, mas pode parecer confusa. De acordo com Tsygankov, desde o início da era Putin, há uma reconceitualização da identidade russa. Segundo este autor, Putin, a partir de 2000 tenta seguir o caminho do meio, ele mescla as influências de Primakov e de Gorbachev, nem apenas ocidentalizado, nem apenas estatista, e essa visão intermediária é o que constituiria a nova identidade russa e ditaria seus novos interesses nacionais. Tsygankov ressalta que Putin conseguiu escolher determinados aspectos tanto da perspectiva ocidentalista, quanto da perspectiva estatista.

Dessa forma, Vladimir Putin não opta por replicar os valores liberais democráticos na Rússia, mas a parceria com o Ocidente seria interessante para a Rússia e, portanto, não seria ignorada. Ou seja, pode-se dizer que a escola de pensamento político escolhida por Putin não fica exatamente clara. Especialmente a partir de seu segundo mandato enquanto presidente da Federação, quando parece, como coloca Tsygankov (2013), um hibridismo em sua política externa. Considera-se aqui que tal hibridismo seleciona, a partir de questões domésticas e externas, elementos de mais de uma escola de pensamento. A política de Putin parece se engajar em parcerias seletivas com o Ocidente a partir de uma possível “economização” da política doméstica, com traços estatistas e eurasianistas em sua política externa ligada à segurança, especialmente. Aqui é importante ressaltar que o realismo russo, de buscar poder e grandiosidade como seus principais interesses de Estado, não devem ser vistos como algo apartado da abordagem teórica escolhida. Um Estado pode dispor de uma visão realista da política internacional, o que não implica que este mesmo não possa alterar sua identidade dentro deste cenário, construído, talvez, de forma racionalista por acordo humano.

Todavia, em 10 de janeiro de 2000, Putin sanciona por decreto presidencial o que seria o Novo Conceito de Segurança da Federação Russa, o que seria um dos primeiros documentos sancionados por ele enquanto presidente. Este documento possui diversas referências aos problemas domésticos da Rússia, entretanto, define uma gradação um tanto mais hostil no que diz respeito ao

Ocidente, do que no período administrativo anterior. Isso pode ser observado nas seguintes passagens:

The second tendency manifests itself in attempts to create an international relations structure based on domination by developed Western countries in the international community, under US leadership and designed for unilateral solutions (primarily by the use of military force) to key issues in world politics in circumvention of the fundamental rules of international law. [...]The main threats in the international sphere are due to the following factors: the striving of particular states and intergovernmental associations to belittle the role of existing mechanisms for ensuring international security, above all the United Nations and the OSCE; the danger of a weakening of Russia's political, economic and military influence in the world; the strengthening of military-political blocs and alliances, above all NATO's eastward expansion; [...] (National Security Concept of the Russian Federation, 2000).

Os trechos anteriores já demonstram que, apesar de o novo presidente russo demonstrar estar pendente para relações calmas com o Ocidente, ele também espera que a Rússia seja um par das grandes potências ocidentais, e que seja ouvida pelos mesmos e tratada como igual, como uma grande potência. Ou seja, parece haver uma dupla fonte de construção para os interesses nacionais russos e sua identidade. Esse mote não somente está pautado nos discursos oficiais da Federação construindo seu imaginário, como também se encontra enraizado nas ações ocidentais que instigam esse tipo de discurso por parte da Rússia. Da mesma maneira, o documento de doutrina militar, também sancionado em 2000, substituindo seu par de 1993, por Putin, apesar de não colocar de forma direta, deixa claro o seu descontentamento para com ações passadas do Ocidente em seu “near abroad”, bem como coloca indiretamente como fonte de ameaças ações que podem ser compreendidas no contexto de ações no passado realizadas pela OTAN. Os trechos a seguir iluminam essas ideias:

The main external threats are: territorial claims against the Russian Federation; interference in the Russian Federation's internal affairs; attempts to ignore (infringe) the Russian Federation's interests in resolving international security problems, and to oppose its strengthening as one influential center in a multipolar world; the existence of seats of armed conflict, primarily close to the Russian Federation's state border and the borders of its allies; the creation (buildup) of groups of troops (forces) leading to the violation of the existing balance of forces, close to the Russian Federation's state border and the borders of its allies or on the seas adjoining their territories; the expansion of military blocs and alliances to the detriment of the Russian Federation's military security; the introduction of

foreign troops in violation of the UN Charter on the territory of friendly states adjoining the Russian Federation; [...] (Military Doctrine of the Russian Federation, 2000).

2001: o terrorismo une

Entretanto, apesar de um tom mais hostil do que na década anterior, como já referido anteriormente, o início do mandato de Putin em 2000 dispõe de bastante aproximação com o Ocidente e momentos cooperativos entre as partes. A exemplo disso, pode-se trazer que os atentados terroristas de 11/09/2001 foram, em alguma medida, catalizadores para tal aproximação, tendo em vista que, a Rússia havia começado uma guerra na Chechênia em 1999 sob a alegação de “guerra ao terror” e não havia tido apoio ocidental para tal empreitada, e com os atentados terroristas aos Estados Unidos, isso muda de caráter, mesmo que a Al-Qaeda já estivesse sob os radares norte-americanos há algum tempo (Documento Patterns of Global Terrorism – 1999).

A exemplo de tal aproximação, Vladimir Putin fora o primeiro presidente a telefonar para George W. Bush após o ocorrido, a fim de prestar solidariedade (CNN, 2001). Os ataques terroristas aos Estados Unidos em 2001 tornaram a Rússia em uma aliada do Ocidente quase imediatamente (TRENIN, 2003, p. 1). Isso pode ser notado na mudança da retórica de George W. Bush em uma entrevista em 2000 quando ainda era candidato à presidência do EUA e em 2002 em outra entrevista, já como presidente norte-americano.

JIM LEHRER: On Chechnya and Russia, the U.S. and the rest of the Western world has been raising Cain with Russia from the beginning, saying 'You are killing innocent civilians.' The Russians have said essentially 'We're fighting terrorism, and, by the way, mind your own business.' What else -- what else, if anything, could be done by the United States?

GOV. GEORGE W. BUSH: Well, we could cut off IMF (International Monetary Fund) aid and export/import loans to Russia until they heard the message loud and clear, and we should do that. It's going to be a very interesting issue to see how Russia merges, Jim. This guy, Putin, who is now the temporary president, has come to power as a result of Chechnya. He kind of rode the great wave of popularity as the Russian military looked like they were gaining strength in kind of handling the Chechnya situation in a way that's not acceptable to peaceful nations (PBS News, 2000).

Q. Mr. President, did the October hostage crisis in Moscow change the U.S. position on Chechnya?

The President. No, our position on Chechnya is, we hope this can get solved peacefully, that this is an issue within Russia, and that I will continue to work with Vladimir Putin as best as I can to encourage him for there to be a peaceful resolution with the Chechnyan issue, the larger issue.

On the other hand, I recognize that anytime terrorists come to take life, a leader must step forward. And the fact that 800 citizens could have been killed by terrorists put my friend Vladimir Putin in a very difficult situation. And he handled it as best he could. He did what he had to do to save life. And people—I heard somebody the other day blame Russia. No, the people to blame are the terrorists. They need to be held account. I believe you can do both. I believe you can hold terrorists to account, killers to account, and at the same time solve difficult situations in a peaceful way (NTV, 2002).

Nesse sentido, as relações entre a Rússia e o Ocidente permaneceriam relativamente calmas. Até mesmo com o anúncio de George W. Bush em 2001 que denunciaria unilateralmente o Tratado ABM de 1972 não causou muito problema com a Rússia. Apesar de os russos não terem ficado contentes com a saída norte-americana do tratado, não houve nenhum grande contencioso nesse período, afinal, os EUA teriam dado “carta branca” para a Rússia atuar na Chechênia. Além disso, mesmo com o discurso de que instalaria um escudo antimísseis desde o início de seu mandato com presidente dos Estados Unidos, entre 2001 e 2002 os planos para tanto ainda não pareciam claros, e Bush afirmava que o mesmo não ameaçaria a deterrência russa, pois o artefato se direcionaria a países como o Irã e a Coreia do Norte (LINDSAY e O’HALON, 2002, p. 163-164).

2002: diálogo com a OTAN

A cooperação entre as partes teria continuidade mesmo após o anúncio de Bush. Tão logo, ainda em 2002 a Rússia e a OTAN formam o Conselho OTAN-Rússia (NATO-Russia Council/NRC), que fora estabelecido em 28 de maio de 2002 sob os auspícios da Declaração de Roma de 2002. O NRC teria como objetivos ampliar o debate entre Rússia e OTAN sob diversos aspectos de cooperação, sendo um mecanismo de diálogo e consultas mútuas acerca de temas de mútuo interesse das partes, a Rússia teria o mesmo *status* que todos os

membros da OTAN, as conversas seriam entre 29 partes iguais (NATO-Russia Council).

3.3.2 O Afastamento sob Putin

A relativa fraqueza russa no cenário internacional a levava a tentar se aproximar dos Estados Unidos, da União Europeia e da OTAN, mas mais uma vez a Rússia viu seus esforços de tentar cooperar se esvaindo assim que as recompensas cessaram.

2003: a questão do Iraque

Assim, em 2003, apesar do descontentamento russo, os Estados Unidos iniciam uma guerra contra o Iraque, parceiro comercial russo de relevância. Após 2003, a Rússia abandona, em larga medida, o caminho de aproximação com o Ocidente que estava trilhando, para iniciar um novo rumo que girava em torno de seu objetivo principal de política externa de se tornar uma grande potência (TRENIN, 2011, p. 9). Esse rumo que trilharia para si envolveria ser um polo de poder e se igualar às grandes potências globais, e para tanto, uma das formas que encontraria para ser relevante seria por meio da atuação dentro de instituições multilaterais, e por isso daria tanta importância para as mesmas (COLIN, 2010, p.110).

Em 2004 há novas eleições presidenciais e Vladimir Putin mais uma vez se elege, mas dessa vez com uma aprovação popular ainda maior, ele vence com 71% dos votos (SERVICE, 2009, p. 553). Nesse momento, a Rússia se encontra em uma situação econômica um tanto melhor do que se comparado ao período anterior no âmbito econômico⁵ e social⁶. Sendo assim, a Rússia voltaria ao caminho de buscar ser uma grande potência no cenário internacional, e não mais

⁵ World Bank Data - GPD. Em 2000, o PIB da Federação Russa cresceu 10%, em 2001 5,1%, em 2002 4,7%, em 2003 7,3%, em 2004 7,2%, e se manteve crescente nos anos seguintes. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?page=1>. Acessado em: 06/01/2013.

⁶ World Bank Data – Income. A fim de citar um exemplo, a taxa da população abaixo da linha da pobreza na Federação Russa sai de 19,7% em 2002 e atinge 11,1% em 2006. Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/russian-federation>. Acessado em: 06/01/2013.

seria tão complacente para com a política externa norte-americana e com as ondas de expansão da OTAN para o Leste Europeu (SERVICE, 2009, p. 556).

2004: a falta de diálogo com a OTAN

A expansão da Aliança Atlântica para o Leste não seria um contencioso recente nas relações da Rússia com o Ocidente. Desde a década de 1990 a OTAN dá início ao seu processo de incluir novos membros na Aliança, e em 1997 a OTAN convida formalmente os primeiros membros que seria a Polônia, a República Tcheca e a Hungria, que seriam aceitos na primeira onda de expansão em 1999, o que já causaria desconforto à Rússia. A Segunda onda de expansão da OTAN incluiria a Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia, que se tornaria membros da Aliança em 29 de março de 2004 (NATO Members). A inclusão destes sete novos membros e a possibilidade e inclusão de outros mais partindo-se da política de “portas abertas” da OTAN poderia gerar um desastre.

A segunda onda de expansão da OTAN já referida provocou reações bastante adversas na Rússia, que se opôs com veemência (GIDADHUBLI, 2004, p. 1885). Prontamente a Rússia passa a se sentir mais ameaçada pela OTAN que a partir do acesso dos Estados Báltico na Aliança teria exércitos da OTAN muito próximos de suas fronteiras, e logo alguns políticos russos clamam por alterações nas políticas de defesa do país (GIDADHUBLI, 2004, p. 1886). A Rússia passou a declarar abertamente que a expansão da OTAN para perto de suas fronteiras iria de encontro aos seus interesses, além de se tornar uma ameaça militar. Sem contar que a segunda onda de expansão da OTAN acabou por se configurar em um desastre político e diplomático (GIDADHUBLI, 2004, p. 1887).

Tendo em vista que o segundo mandato do presidente Vladimir Putin seria mais conflituoso no que tange suas relações com o Ocidente, outros contenciosos ocorreram durante esse período.

2007: a defesa antimísseis

Em 2007 os Estados Unidos anunciam formalmente a decisão de instalar artefatos do escudo antimísseis tanto na Polônia quanto na República Tcheca. O

ocorrido logo leva a Rússia a crer que a defesa antimísseis feriria seus interesses estratégicos e poria em risco sua segurança. Desde 2001, George W. Bush já havia declarado sua intenção de construir o escudo antimísseis como proferira em um de seus discursos no mesmo ano. Entretanto, em seu discurso não fica exatamente clara a forma como se irá proceder a instalação do artefato de defesa.

Our Nation also needs a clear strategy to confront the threats of the 21st century, threats that are more widespread and less certain. They range from terrorists who threaten with bombs to tyrants in rogue nations intent upon developing weapons of mass destruction. To protect our own people, our allies, and friends, we must develop and we must deploy effective missile defenses. And as we transform our military, we can discard cold war relics and reduce our own nuclear forces to reflect today's needs (Discurso de George W. Bush em 27 de fevereiro de 2001).

Como prova de sua insatisfação para com a recente conduta dos Estados Unidos no que tange a defesa antimísseis na Europa do Leste e sua ex-esfera de influência, Vladimir Putin decide declarar moratória ao tratado CFE (Conventional Forces in Europe) (RIA Novosti a, 2007).

A Rússia realmente se sente ameaçada, até mesmo, pois, a instalação da defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca faria de sua antiga estratégia de defesa, baseada na deterrência nuclear não funcionar mais (SLOAN, 2012, p.110 et. seq.). A situação se torna bastante complicada chegando até mesmo nas vias de a Rússia ameaçar a Polônia caso concordasse com a instalação dos radares em seu território (Al Jazeera a, 2008), bem como a República Tcheca também é avisada sobre os riscos que pode correr caso, de fato, concorde com a proposta norte-americana (Al Jazeera b, 2008).

Apesar de os Estados Unidos reificarem que o caráter e o objetivo principais do BMD (*Ballistic Missile Defense*) sejam as ameaças terroristas e os chamados *rogue states*, a Rússia não abranda o seu discurso. Para além disso muitos analistas não identificam que, de fato, a Rússia pudesse ser o alvo central para a instalação de tal defesa. No entanto, para Ivanov et al. uma das premissas mais importantes nesse processo seria que as partes envolvidas no contencioso se envolvessem em maiores conversações, e que a Rússia, especialmente, não ficasse de fora do processo decisório deste quesito (IVANOV, 2012, p. 1et. seq.). Para este autor, o contencioso acerca do BMD se dá por um motivo: Estados Unidos e Rússia permanecem presos em uma lógica de Guerra Fria, na qual a cooperação

em determinados setores ainda permanece uma área cinzenta para ambos os lados. Essa hipótese é de grande relevância para a presente pesquisa. A cooperação neste âmbito ajudaria, inclusive, na melhoria das relações entre Washington e Moscou, dado que a proposta de Ivanov. é de que o escudo antimísseis seja um projeto conjunto contendo elementos em ambos os territórios e com compartilhamento de dados a fim de aumentar a confiança dos dois lados (IVANOV, 2012, p. 11).

De qualquer forma, apesar do argumento norte-americano de que a defesa antimísseis se destina a contenção de ameaças advindas do Oriente Médio, especialmente do Irã, e de atos terroristas, a Rússia se vê ameaçada, pois afirma que a disparidade tecnológica de tais ameaças é muito grande, e que o Irã, por exemplo, ainda não possui tecnologia para lançamento de mísseis de longo alcance (OLIKER et al., 2009, p. 199).

Em 2008, o novo presidente da Federação Russa agora é Dmitry Medvedev, e Vladimir Putin seu primeiro ministro. De maneira geral, o sucessor de Putin não pareceu que iria realizar muitas mudanças no que concerne às relações russas com o Ocidente e uma prova disso é a sua aprovação, no mesmo ano, de um novo documento norteador da política externa russa que demonstra a insatisfação russa para com a OTAN e com o unilateralismo norte americano⁷ (SERVICE, 2009, p. 560). Os documentos posteriores sancionados por Medvedev como a doutrina militar de 2010 e o conceito de estratégia de segurança nacional de 2009⁸ também demonstram que o novo líder russo seguiria o caminho de seu antecessor no rumo de tornar a Rússia visível na arena internacional, se fazer indispensável, de fato, uma grande potência. Além de estarem de acordo com a retórica da administração anterior de se colocarem contrários a algumas políticas ocidentais. Isso pode ser notado no trecho a seguir:

The main external military dangers are: a) the desire to endow the force potential of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) with global functions carried out in violation of the norms of international law and to move the military infrastructure of NATO member countries closer to the borders of the Russian Federation, including by expanding the bloc; b) the attempts to destabilize the situation in individual states and regions and to undermine strategic stability; c) the deployment

⁷The Foreign Policy Concept of the Russian, 12 de julho de 2008. Disponível em: <http://archive.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml>. Acessado em: 11/01/2013.

⁸National Security Strategy of the Russian Federation to 2020, de 12 de maio de 2009. Disponível em: <http://rustrans.wikidot.com/russia-s-national-security-strategy-to-2020>. Acessado em: 11/01/2013.

(buildup) of troop contingents of foreign states (groups of states) on the territories of states contiguous with the Russian Federation and its allies and also in adjacent waters; d) the creation and deployment of strategic missile defense systems undermining global stability and violating the established correlation of forces in the nuclear-missile sphere, and also the militarization of outer space and the deployment of strategic nonnuclear precision weapon systems...⁹

De acordo com este e outros documentos sancionados pela presidência russa, nota-se um profundo descontentamento com relação a algumas políticas dos Estados Unidos e com a OTAN, especialmente, por tomarem decisões que, de alguma forma, a Rússia considera serem de seus interesses e não serem levados em consideração no cálculo das partes.

2008: expansão da OTAN

Neste mesmo período houve mais contenciosos entre a Rússia e o Ocidente e que não tiveram relação apenas com o escudo antimísseis. Ainda em 2008, a OTAN realiza um convite formal para que a Ucrânia e a Geórgia se unissem à Aliança durante uma reunião em Bucareste em 3 de abril daquele ano, em mais uma onda de expansão.

NATO welcomes Ukraine's and Georgia's Euro-Atlantic aspirations for membership in NATO. We agreed today that these countries will become members of NATO. Both nations have made valuable contributions to Alliance operations. We welcome the democratic reforms in Ukraine and Georgia and look forward to free and fair parliamentary elections in Georgia in May. MAP is the next step for Ukraine and Georgia on their direct way to membership. Today we make clear that we support these countries' applications for MAP¹⁰.

Após o convite formal da OTAN para que Geórgia e Ucrânia se unissem à Aliança a Rússia se mostra insatisfeita e afirma que tal atitude por parte do Ocidente terá uma resposta pragmática, mesmo antecedendo a reunião de Bucareste (Ria Novosti b, 2008). Logo após a reunião ter ocorrido, Vladimir Putin reitera que não irá tolerar mais expansões militares em direção às fronteiras

⁹The Military Doctrine of the Russian Federation, de 5 de fevereiro de 2010. Disponível em: http://www.sras.org/military_doctrine_russian_federation_2010. Acessado em: 11/01/2013.

¹⁰Bucharest Summit Declaration, de 3 de abril de 2008. Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm. Acessado em: 11/01/2013.

russas, o que ele considera uma ameaça direta aos interesses nacionais da Federação (Ria Novosti c, 2008).

Russia will build its relationship with NATO taking into consideration the degree of the alliance's readiness for equal partnership, unswerving compliance with the principles and standards of international law, the implementation by all its members of the obligations, assumed within the framework of the Russia-NATO Council, not to ensure one's security at the expense of security of the Russian Federation, as well as the obligation to display military restraint. Russia maintains its negative attitude towards the expansion of NATO, notably to the plans of admitting Ukraine and Georgia to the membership in the alliance, as well as to bringing the NATO military infrastructure closer to the Russian borders on the whole, which violates the principle of equal security, leads to new dividing lines in Europe and runs counter to the tasks of increasing the effectiveness of joint work in search for responses to real challenges of our time (The Foreign Policy Concept of the Russian Federation, 12 de julho de 2008).

2008: crise na Geórgia

Em agosto de 2008 mais um momento de tensão entre a Rússia e o Ocidente se materializa. Em 7 de agosto daquele ano o governo da Geórgia reprime demonstrações secessionistas da Ossétia do Sul, sendo assim, a Rússia, que, há mais de uma década apoiava o separatismo da república reage levando seus tanques até o local a fim de proteger o movimento. Da mesma maneira, a Rússia também incrementa suas forças militares na Abkházia, outra república separatista dentro do território da Geórgia (KING, 2008, p. 2).

A guerra que durou apenas cinco dias deixou milhares de mortos e as relações entre Rússia e Ocidente em um patamar de baixo nível de contato cooperativo, tendo sido bastante criticada (KING, 2008, p. 2 et. seq). Apesar de a Rússia afirmar que sua ação estivera em acordância com os seus princípios de defender as duas repúblicas secessionistas e seus nacionais, o que se garante é que a ação russa estivera ligada com um ato de revanchismo após o convite da OTAN para que Geórgia e Ucrânia se unissem à Aliança. Bem como se afirma que fora uma atitude da Rússia, também de acordo com seu interesse nacional de se reconstruir enquanto uma potência e reconquistar seu espaço de influência, realizando assim incursões no near abroad para garantir a sua presença. Ademais, a Rússia pretendia ganhar o espaço perdido naquela esfera, especialmente, após os

Estados Unidos terem ganhado influência na região após ter conferido apoio à revolução promovida na Geórgia em 2003 (KING, 2008, p. 3).

Após o ocorrido a comunidade internacional não poupou a Rússia de críticas, especialmente após esta ter reconhecido unilateralmente a independência tanto da Ossétia do Sul quanto da Abkházia. A OTAN criticou a Rússia, nesse sentido e colocou à época que rejeitaria a declaração de independência das duas regiões¹¹. De acordo com a OTAN, a Rússia teria desrespeitado a integridade do território da Geórgia e violado muitas normas internacionais com seu ato¹². A ruptura fora violenta, e a *NATO-Russia Council* (NRC) fora suspensas, bem como todas as áreas de contato entre Rússia e OTAN¹³.

O caso da Geórgia se mostra de grande relevância para o destaque da política do governo russo em delimitar suas esferas de influência, que têm como embasamento tanto questões matérias quanto ideacionais. Durante a década de 1990 quando o governo de Yeltsin se engajou em uma operação de paz na Ossétia do Sul e na Abkházia, esse molde de promover seus interesses nacionais já surgia, além de promover sua influência na região (MCKINLAY e CROSS, 2003, p. 76). Em 2008 tal contorno também não parece ter se modificado. De acordo com Tsygankov (2009, p. 319), o fato de a Rússia almejar manter-se enquanto uma grande potência, acaba por colocar a Geórgia em um local de esfera de influência. Ainda mais, levando-se em consideração a presença dos Estados Unidos e de outras nações ocidentais no Cáucaso que estariam em busca de suas próprias políticas independentes na região.

2008: a independência do Kosovo

O ano de 2008 fora bastante marcante na relação entre Rússia e Ocidente, fora um ano em que a retórica dos dois lados de aqueceu, mais uma vez em decorrência de ações ocidentais que desagradavam a Rússia. 2008 é o ano em que

¹¹ “By the Secretary General of NATO on the Russian recognition of Abkhazia and South Ossetia: NATO”. 26/08/2008. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/2008/p08-107e.html>. Acessado em: 13/01/2013.

¹² “By the North Atlantic Council on the Russian recognition of South Ossetia and Abkhazia regions of Georgia: NATO”. 27/08/2008. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/2008/p08-108e.html>. Acessado em: 13/01/2013.

¹³ “NATO-Russia Council”. Disponível em: http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_50091.htm. Acessado em: 13/01/2013.

o parlamento kosovar declara de forma unânime a sua independência da Sérvia, histórica aliada da Rússia. Ao contrário da sua declaração de independência na década anterior, neste ano o Kosovo recebe amplo apoio internacional e é reconhecido como um Estado independente. Apesar dos protestos contrários da Rússia, muitos países ocidentais endossaram a independência kosovar (BBC a, 2008). A Rússia não ficou satisfeita, ainda mais por ter problemas internos com separatismo, assim como a China também não endossou, mas os Estados Unidos e muitos países Europeus congratularam a conquista do Kosovo. O desagrado russo pode ser notado na retórica do Ministro das Relações Exteriores Sergey Lavrov.

We expect the UN mission and Nato-led forces in Kosovo to take immediate action to carry out their mandate... including the annulling of the decisions of Pristina's self-governing organs and the taking of tough administrative measures against them. (BBC b, 2008).

De acordo com Tsygankov, após a primeira eleição de Vladimir Putin como presidente da Rússia, este logrou em manter as relações com o Ocidente de acordo com a nova identidade russa traduzida pelo autor como cooperação pragmática. Entretanto, no segundo mandato de Putin, este confere maior ênfase no quesito assertividade, o que fica bastante claro em seu discurso na Conferência de Segurança de Munique em 2007. A nova faceta da identidade e dos interesses russos estariam ligadas aos fatos já tratados anteriormente neste mesmo capítulo, nos quais o Ocidente, especialmente, os Estados Unidos, parecem não considerar com seriedade o prospecto de cooperação com a Rússia, e acabam por dar continuidade a uma relação desigual, e manter a Rússia em segundo plano nas tomadas de decisões internacionais de grande porte. Essas atitudes advindas dos Estados Unidos, somadas, não agradam aos russos, que possuem como principal interesse nacional a manutenção do *status* de grande potência da Federação Russa.

Concordamos aqui com Tsygankov que o segundo mandato de Putin, bem como o único mandato de Medvedev foram marcados por uma maior assertividade russa, mais marcado no âmbito de segurança, sobretudo em decorrência do apoio norte-americano às chamadas revoluções coloridas, que acabaram por levantar suspeitas na Rússia acerca das intenções geopolíticas dos Estados Unidos no seu entorno. No setor econômico a Rússia, no período em

questão, prossegue com seu pragmatismo que guia a Federação à cooperar com os Estados Unidos e com a União Europeia, a fim de não deixar passar oportunidades econômicas.